

Florianópolis (SC)
julho/dezembro de 2008
Ano 01
Nº 01

Pobres Nojentas

TEÓRICA



EU 08

JORNALISMO EM SINDICATO

Sumário

Atrevimento teórico Elaine Tavares	05
Jornalismo é conhecimento e libertação Elaine Tavares	07
Jornalismo em Sindicato: tornar bendito o maldito Míriam Santini de Abreu	13
Sindprevs/SC: ousadia na Comunicação Rosângela Bion de Assis	19
Imagens	28
Currículos	31

Blog da revista

<http://pobresenojentas.blogspot.com>

Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresenojentas.wordpress.com>



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)
Endereço eletrônico:
eteia@gmx.net

Projeto gráfico e Editoração
Rosângela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)

Ilustração da capa
Eduardo Schmitz

Florianópolis/Santa Catarina

Apresentação

Atrevimento teórico

Elaine Tavares

Estas criaturas insuportáveis que andam por aí rasgando a vida com a força de suas mãos não param. No início inventaram a revista impressa Pobres e Nojentas. Um projeto difícil. Primeiro por conta do nome. Ninguém quer se identificar com o "pobres", e o "nojentas" às vezes fica com o sentido confuso. É uma revista que precisa se explicar. Até as pessoas descobrirem que é uma provocação, já passou a hora da venda. Mas as nojentas não se importam! Empinam seus narizes e seguem, na estrada, rompendo os preconceitos, o asco, a indiferença. Depois, incansáveis, inventaram o blog. Espaço para fotos, comentários, crônicas, enfim, coisas de gente que não aceita a condição que o sistema do capital lhe impõe. Empobrecidas, sim, mas não amebas.

Aí veio a idéia de teorizar sobre o jornalismo, olha que coisa mais intolerável. Um povo que nem está na academia! Como assim, não? Tá, não estamos na academia, mas temos a nossa padaria no centro de Florianópolis, e é lá que nos sentamos a conversar sobre esse pensar/fazer. Nestes encontros fomos percebendo que as pesquisas e

os textos teóricos que dormem nas universidades estão mesmo dormidos, inertes, não se encarnam na vida dos que escrevem e constróem mundos. "Vamos fazer uma Pobres teórica?", foi o desafio lançado entre uma mordida e outra no pão. A pergunta já se respondeu a si própria. Siiiiium! Então, as "nojentas" inventaram o blog teórico, que logo passou a receber colaborações. Tem muita gente que não é doutor na universidade, mas pensa e formula coisas incríveis.

Então, agora, aí está mais uma heresia das Pobres e Nojentas. Uma revista impressa que discute o jornalismo no seu aspecto teórico. É que a gente entende, como Paulo Freire, que o pensar e o fazer são coisas que devem ter o mesmo peso e precisam acontecer juntas. Nossa experiência com a Pobres mostra que se não houvesse esse momento de discussão teórica que fazemos na padaria ou na casa de alguém, a gente não ia crescendo coletivamente como grupo e como jornalistas. Mas, a cada debate, vamos ficando mais seguras do texto e da práxis. Com isso, avançamos, e tiramos o jornalismo da tumba.

Este pequeno caderno de estréia da Pobres Teórica fala sobre o jornalismo que se faz nos sindicatos. Arriscamos dizer que este é um espaço privilegiado para se fazer jornalismo mesmo, não propaganda, não texto chapa-branca, jornalismo de verdade, como ensina Adelmo Genro Filho. Para isso, levantamos algumas questões teóricas e mostramos algumas práticas. É nosso jeito de romper também a barreira do saber institucionalizado. Quem disse que se pensa só na universidade? Não, as pessoas que pensam o fazem em qualquer lugar!

Jornalismo é conhecimento e libertação

Elaine Tavares

Nada mais nocivo para a prática do jornalismo do que a fragmentação do fazer. Um belo dia, por conta da mesma velha idéia colonizada de sempre imitar os outros, trouxeram para os jornais do país a proposta dos chamados "cadernos". Perseu Abramo fala disso como um bem, mas creio que ele estava equivocado. Esse processo gerou a atual prática da especialização: jornalismo cultural, jornalismo esportivo, econômico, sindical. Nada poderia ser mais falso. O jornalismo é jornalismo, e ponto. O fato de exercê-lo na política, na economia ou no sindicato não o torna uma outra coisa. As especificidades que decorrem das áreas não são argumentos sólidos para a criação destes adjetivos que, no mais das vezes, só empobrecem o jornalismo em vez de acrescentar algo de bom. Mas é importante que se tenha claro: a fragmentação não é uma ação mecânica para melhor distribuir as páginas de um jornal. Ela é fruto de uma teoria e de uma política que, juntas, respaldam o modo de produção capitalista.

Dividir, compartimentar, esfacelar, desconectar

o pensamento fazem com que o leitor acredite que as coisas no esporte, por exemplo, estejam completamente descoladas das ações da política ou da economia. E assim sucessivamente. A "cadernização" serviu para tirar do jornal a idéia de totalidade. Assim, ou o leitor - que precisa ser muito bem formado - faz os nexos ou fica com aquela sensação de desligamento da realidade que a especialidade provoca, transformando a realidade em um grande mosaico sem qualquer nexo entre as áreas.

Na área sindical abre-se um grande campo para a prática do jornalismo, não esse, cortesão, que beija a boca do poder, mas o que dá conta da universalidade do fato. E por quê? Porque se pressupõe que as pessoas que dirigem os sindicatos, que são instrumentos de luta da classe trabalhadora, devem ter a compreensão sobre o papel da informação contextualizada e totalizante no processo de transformação da realidade.

Mas, infelizmente, não é isso que se vê.

O jornalismo em sindicato

Desde que o movimento dos trabalhadores começou a se organizar, no alvorecer do capitalismo, ficou claro que a informação desempenha um papel preponderante na luta de classe. Se os patrões têm o controle dos meios de comunicação de massa, resta aos trabalhadores organizar sua própria comunicação, e de tal forma que consiga atingir toda massa trabalhadora de maneira eficaz. Coisa difícil esta, uma vez que a batalha é bem desigual. Assim, os trabalhadores foram desenvolvendo uma comunicação panfletária, pois, diante da quase onipresença dos meios de comunicação de massa, a saída mais urgente era a da propaganda. Desta forma, os panfletos

chamavam para as greves, as mobilizações, as lutas. Também houve uma tentativa de trabalhar a conscientização através de jornais, mas os textos massudos e herméticos acabavam afugentando os trabalhadores em vez de aproximá-los da leitura. Foi aí que o jornalismo apareceu como uma alternativa.

O jornalismo é uma cria do capitalismo. Ele nasce justamente para divulgar as belezas do sistema. É praticamente um sistema de propaganda, como bem já analisou Noam Chomski. Mas, na medida em que outros grupos foram se apropriando deste saber/fazer, o jornalismo foi mostrando suas brechas e revelou-se capaz de também atuar no rumo da transformação. O teórico gaúcho Adelmo Genro Filho esclarece bem este caráter do jornalismo quando diz: "Muito bem, o jornalismo é a informação transformada em mercadoria. Mas nem todas as mercadorias são iguais. Além disso, será que o jornalismo será sempre, inevitavelmente, mercadoria? (Genro Filho, 1987, p. 112)".

Adelmo entende que o capitalismo produziu o jornalismo, mas as gentes organizadas podem mudar isso e tomar as conquistas técnicas e funcionais do jornalismo adotadas pelos jornais burgueses numa outra perspectiva de classe. Para ele, o jornalismo, como uma nova forma de conhecimento social cristalizado no singular, implica radical integração da totalidade social, daí sua capacidade transformadora. Não é à toa que ele estabelece uma teoria marxista do jornalismo. Porque sabe que nesta sociedade na qual estamos inseridos, a luta de classe demanda a apreensão de todo o conhecimento socialmente produzido, sempre para um avanço dialético. Daí que apropriar-se das técnicas e da prática do jornalismo deve ser um direito da classe trabalhadora.

Tendo isso como base, o sindicalismo, ainda que de uma forma muito intuitiva, passou a valorizar o jornalismo para além do panfleto e do informativo trivial. Com o passar dos anos, profissionais foram sendo contratados, saindo a comunicação das mãos de dirigentes que, apesar da boa vontade, não detinham o conhecimento técnico. Em poucos anos foi possível perceber uma competente assessoria de comunicação frutificando nestas instituições de luta do povo trabalhador. Mas, em alguns casos, assim como as práticas sindicais vão enveredando por caminhos obscuros, também o jornalismo feito nos sindicatos acaba se perdendo e imitando a mesma fórmula usada pela grande mídia.

Os pecados do jornalismo praticado nos sindicatos

O primeiro grande erro das lideranças sindicais é apostar no rompimento das barreiras junto à mídia comercial. Muitas vezes, ao contratar um jornalista para fazer assessoria, exigem que o mesmo procure furar os muros que separam a grande mídia das lutas dos trabalhadores. Surge aí um paradoxo. Nos discursos que fazem, os sindicalistas execram a mídia como um instrumento da burguesia, falam mal dela, demonizam etc... Mas, ao mesmo tempo, esperam que essa mesma mídia dê generosos espaços para suas lutas. Ora, os grandes meios de comunicação estão nas mãos dos poderosos, daqueles que mandam, os que sustentam o sistema capitalista.

Sendo assim, não dá para esperar da mídia uma cobertura favorável aos trabalhadores, nem mesmo "imparcial", visto que é bastante clara a posição dos grandes veículos de comunicação pela manutenção do sistema. O máximo que pode acontecer é se encontrar um jornalista corajoso

que busque mostrar mais além do que a mesma velha gosma "des-informativa". Isso, porém, é cada vez mais difícil de se encontrar. No geral, os grandes jornais, emissoras de rádio e os canais de televisão irão fazer o jogo dos patrões. Assim, uma comunicação sindical precisa superar este paradoxo e buscar formas criativas e eficazes de se aproximar da base dos trabalhadores, repassando informações e criando conhecimento. Geralmente isso é possível de se alcançar discutindo com a própria base. Ela sempre sabe como ser tocada e, dependendo da relação de confiança que os dirigentes conseguem criar, ela desvenda o segredo.

O segundo erro é enveredar pelo jornalismo chapa-branca. Muitos dirigentes acreditam que os trabalhadores precisam apenas saber o que a diretoria faz. Assim, proliferam os "jornaisinhos" com matérias insossas sobre reuniões não tão importantes. E dá-lhe foto do presidente. Em alguns informativos pode-se ver uma foto do presidente em cada página. Isso quando não acontecem as brigas entre as diversas correntes de pensamento que formam as direções. Se for publicada a foto de um diretor ligado a um dos grupos, tem de sair uma do outro, não importando se ele fez absolutamente nada. Essa é a mais aberrante mediocridade informativa, e a mais comum. As batalhas personalistas e as guerras internas entre os grupos emperram e enlouquecem os jornalistas. Quando isso acontece, morre o jornalismo e o profissional da comunicação acaba se transformando num mero aglutinador de matérias medíocres e apoloéticas. A tendência é isso também mediocrizar o jornalista e, aos poucos, ele vai perdendo a capacidade de virar o jogo.

O terceiro erro, que advém das práticas acima

descritas, é não compreender o campo da comunicação como um espaço real de transformação. Ao usar os veículos jornalísticos para promoção pessoal ou para disputas internas, os dirigentes perdem o bonde da história. Têm à sua disposição um profissional capacitado e subutilizam as possibilidades de avançar no despertar das consciências dos trabalhadores, coisa que deveria ser a meta principal de um sindicato.

Compreender o lugar onde se está

Reza a regra número um do jornalismo que o profissional deve sempre procurar iniciar sua matéria com aquilo que é mais importante no fato. E assim fazem os milhares de jornalistas todos os dias. Qual é problema disso? É que grande parte deles está enredada na armadilha da ideologia burguesa de fragmentação da realidade. Assim, o jornalista narra os fatos a partir do singular, mas não sai disso, a regra vira algo operativo que ele maneja de maneira automática. Pois é bem aí que entra a teoria marxista do jornalismo, de autoria do teórico Adelmo Genro Filho.

Adelmo não aceita as teorias que afirmam ser o jornalismo apenas um instrumento da burguesia e tampouco acredita que ele não tenha qualquer possibilidade emancipadora. O teórico defende que um jornalista comprometido com a transformação pode usar as técnicas do jornalismo como alavanca para a criação do conhecimento. É isso que Adelmo defende que o jornalismo seja: uma forma de conhecimento cristalizada no singular. Mas não esse singular automático que os profissionais usam para iniciar suas reportagens. Adelmo acredita que qualquer acontecimento singular precisa ser revestido de seu contexto, ou particularidade, para que o leitor possa perceber a universalidade embutida ali, naquele fato singular.

Assim, para Adelmo, o jornalismo transformador seria esse capaz de, numa simples notícia, estabelecer todos os nexos que levem o leitor/ouvinte/espectador a perceber toda a atmosfera totalizante do fato narrado. Essa compreensão elimina definitivamente a idéia de um jornalismo aos pedaços, que não contextualiza, que fragmenta e divide, deixando o leitor/ouvinte/espectador com a sensação de que falta algo, ou seja, que fique desinformado.

E esse é o jornalismo que reivindicamos para todas as mídias, mas fundamentalmente para os sindicatos. Por quê? Porque temos consciência do lugar que ocupamos no sistema capitalista. Aqui, onde reproduzimos nossa vida, é a periferia do capitalismo, é o espaço do chamado subdesenvolvimento, no qual impera a opressão e a superexploração do trabalho. Aqui, geográfica e politicamente estamos submetidos a uma sistemática colonização mental que vem desde a escola básica e perpassa a família e os meios de comunicação. Isso significa que os trabalhadores mais explorados, aqueles que deveriam ser o estopim da transformação, estão amortecidos pela produção de mais-valia ideológica, como bem analisou o teórico venezuelano Ludovico Silva. E é justamente por isso que os trabalhadores deixam de ser a força propulsora da mudança, passando a defensores desse estado de coisas. Provocar o despertar da consciência, ensina Ludovico, deve ser a mola mestra do movimento sindical. Mas como se pode fazer isso com o jornalismo? É fácil.

As possibilidades do jornalismo no sindicato

O velho Marx já dizia que os explorados não faziam a revolução porque estavam com os olhos

velados pela ideologia. E é este véu de belezas que o sistema capitalista propagandeia que obscurece a visão e torna mais difícil a tomada de consciência que levaria a uma radical transformação. Daí ser o desafio - e o objetivo principal - dos sindicatos a retirada do véu. Mostrar a realidade tal qual ela é, no seu contexto. Estabelecer os nexos, mostrar como e porque se dá a superexploração do trabalho, revelar porque uns são obrigados a viver com tão pouco enquanto outros têm tanto, desvendar a mentira que é essa promessa de que "trabalhando se chega lá".

Ludovico Silva insiste que os meios de comunicação, e principalmente a televisão, são expressões ideológicas do sistema. Ou seja, é nestes veículos que o sistema espalha sua pedagogia da sedução, seja através da propaganda, do entretenimento ou do jornalismo. Estes três elementos vão gerando o que o venezuelano chama de "lealdade ao sistema", e assim criam uma espécie de excedente real de trabalho psíquico que aliena e separa o trabalhador do produtor. É isso que Ludovico nomeia "mais-valia ideológica". Ou seja, nos momentos em que o trabalhador está bem descansado, sentado em seu sofá, vendo uma mercadoria (a TV) que o faz ver e desejar outras mercadorias, ele está realizando um trabalho psíquico, sonha alto sem ter os meios para realizar este sonho. Ele apreende as informações, constitui desejos, cria necessidades e tudo isso gera um excedente de trabalho imaterial que é a versão psicológica da mais-valia real que ele produz quando está trabalhando. Então, neste jogo, mesmo naquilo que considera "tempo livre", na verdade o trabalhador segue enredado e a serviço das tramas do sistema capitalista. Não é à toa que o explorado, no mais das vezes, assume a ideologia do explorador.

Bombardeada, todos os dias, a pessoa subme-

tida ao jornalismo radiofônico, televisivo ou de papel, aliado ao sistema, fica sem as condições de estabelecer os nexos entre informações tão díspares e, ao final do noticiário ou da leitura, só lhe resta uma vaga sensação de conhecimento da realidade. Mas esta realidade, subsumida entre as centenas de imagens, informações fragmentadas e mensagens de propaganda, se esfumaça, deixando apenas a impressão de que num mundo tão triste, melhor mesmo é tomar uma cerveja ou comprar um microondas em 24 prestações. Assim, o trabalhador seguirá tão visceralmente conectado ao sistema capitalista quanto está no seu trabalho, sendo explorado, confirmando as preocupações de Ludovico Silva.

E, neste contexto, como o jornalismo pode ajudar na retirada do véu? Sendo o que é: jornalismo, mas na perspectiva de Adelmo Genro. Assim, o jornalismo praticado no sindicato necessitaria incorporar os elementos da teoria marxista proposta por Adelmo e fugir dos erros já mencionados. Para isso acontecer é preciso muito mais do que a vontade política e a formação do jornalista. Há que haver também o compromisso das direções com a destruição do sistema capitalista e não apenas com as lutas imediatas da categoria. É certo que as questões corporativas, no sistema capitalista, são importantíssimas porque elas impulsionam e mobilizam a categoria, mas se não estiver embutidas nelas a vontade de transformação, serão redutoras e empobrecedoras, tal qual já ensinou Ernesto Guevara, el Che.

Já o jornalista, amparado por dirigentes comprometidos com a transformação, narrando os mais variados fatos do mundo, desvelando os nexos que fazem a vida aparecer como é, transitando pelo particular e chegando ao universal, faz com que o jornalismo deixe de ser um mero

instrumento do capital, tal como se apresenta na grande mídia, e passe a ser um potencial elemento de mudança. Porque ao apresentar os fatos revestidos de sua totalidade, oferece ao leitor/ouvinte/espectador todos os elementos para que estes façam seu próprio vôo em direção à consciência de classe. Aquele que, de repente, vê, pode compreender os reais controladores de suas vidas. Isso pode gerar a revolução.

Superando os obstáculos

Também é muito comum nos sindicatos a presença de direções que buscam fazer "revoluções" pelo jornal, apresentando temas quentes, lutas em outros povos, discussões políticas importantes, mas sem realizar, na sua própria categoria, ações que levem a isso. São entidades cartoriais que mais se prestam ao proselitismo político enquanto ficam ausentes das reais preocupações da base. O jornalista não pode se deixar armadilhar por estes dirigentes. Precisa discutir com eles sobre o que é o jornalismo e a que ele serve. Precisa estar preparado teoricamente e enfrentar as práticas conservadoras dos sindicatos.

Muitos profissionais, ao sair da universidade, também se comportam como os dirigentes aludidos. Esquecem-se dos livros e mecanicizam uma prática viciada, sem refletir teoricamente sobre o que estão fazendo. Isso é ruim. Como já ensinou Adelmo Genro Filho, nem mesmo a emergência do socialismo ou de qualquer outra ordem diferente da atual poderá tirar do jornalismo seu caráter libertador. Porque se ele for praticado na perspectiva de ser sempre uma forma de conhecimento, estará obviamente a serviço da libertação, se não do sistema, da ignorância. Portanto, compreender a essência do jornalismo é vital para que as práticas dentro do

mundo sindical não reproduzam a mesma lógica dos grandes meios.

O jornalismo feito no sindicato igualmente não pode se prestar à propaganda, à manipulação, à obtusa ideologia. Ele tem de estar comprometido com o trânsito do singular ao universal, permitindo ao filiado não só saber o que fez a diretoria como também compreender porque o fez. E mais, é necessário estabelecer nos veículos de comunicação sindical uma universalidade de temas também. Sair do universo redutor da categoria, estabelecer o vínculo com as lutas da classe trabalhadora, com os oprimidos da história. Buscar integrar elementos da cultura, da arte, da sabedoria popular, tornar os veículos também espaços totalizantes, permitindo ao leitor/ouvinte/espectador uma variedade de abordagens que permita a ele apropriar-se do mundo.

No rumo da mudança...

As novas tecnologias têm permitido, com baixo custo, que os sindicatos possam oferecer cada vez mais um sem-número de possibilidades comunicativas. Páginas na internet, blogs, listas de discussão, encontros internéticos em tempo real e tantas outras ferramentas importantes e democratizantes que escapam ao campo do jornalismo. Mas de uma coisa os jornalistas não podem se esquecer. Independentemente do veículo por onde o fruto do seu trabalho irá fluir, o jornalismo seguirá sendo jornalismo, e seus princípios também seguirão os mesmos. Portanto, se os novos meios exigem novas práticas, a teoria que estabelece ser o jornalismo uma forma de conhecido que transmite a universalidade do fato narrado continua tão atual como quando Adelmo Genro Filho a formulou.

O sistema capitalista segue vigoroso e a periferia do sistema, ou se apropria de seus saberes e inventa o novo ou continuará sendo espaço da dependência e do colonialismo mental. Adelmo fez esse caminho, recuperou conceitos antigos, namorou as reflexões de Marx, construiu uma teoria nova. Arrisco dizer que o jornalismo expressado por Adelmo, como forma de conhecimento, tenha de atrelar ao seu saber-fazer a proposta ensinada pelo geógrafo Milton Santos: todo o conhecimento produzido deve levar em conta o espaço geográfico onde está inserido. Estamos na América Latina, Brasil, periferia do sistema. Então, agrego a esta forma de conhecimento cristalizada no singular que é o jornalismo aquilo que Enrique Dussel propõe na sua filosofia de libertação: o compromisso com as vítimas do sistema. Jornalismo, então, libertador! Seja no sindicato ou onde quer que seja praticado. Porque não queremos ser periferia, tampouco integrados ao sistema que oprime. Queremos o novo, o incrivelmente novo, que só nós, aqui, neste espaço do mundo, poderemos construir.

Leituras engravidantes

O segredo da Pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo. Adelmo Genro Filho. Editora Tchê. Porto Alegre. 1987
Teoría y practica de la ideología. Ludovico Silva. Editorial Nuestro Tiempo. México. 1982
Ética de Liberación. En la edad de la globalización y de la exclusión. Enrique Dussel. Trotta. México. 1998

Jornalismo em Sindicato: tornar bendito o maldito

Miriam Santini de Abreu

Mal-dito é o que se encontrava excluído, apenas reconhecido do lado de fora; fundamentalmente desconhecido, se tornara estranho. (...) O bem-dizer tem essa virtude de reunir o que estava disperso e separado, de fazer elos, ordenar o caos, e revelar aí uma pátria.

A frase é de João Perci Schiavon, psicanalista no Paraná, que foi entrevistado na revista Pobres & Nojentas. Ele se referia a um dos aspectos do trabalho de Freud, mas tomei a liberdade de tirar a citação de seu contexto original porque ela inspira e expressa o título e o conteúdo deste artigo. O jornalismo em sindicato precisa tornar bendito o que é a própria condição de sua existência: a luta dos trabalhadores.

"Jovem morre atingido por tora" era o título de uma notícia de dois parágrafos estampada em um jornal de interior. Segundo o repórter, pessoas

da região onde o trabalhador morreu haviam dito que eram "até normais" os acidentes daquele tipo (na derrubada de pinus). "É preciso sempre trabalhar com APS, aparelhos de segurança, e ter um monitoramento das atividades, senão estes infelizes acidentes continuarão ocorrendo", finalizava a notícia. Há dois elementos que chamam a atenção no texto. Primeiro, a naturalização da morte, um "acidente infeliz": "Uma fatalidade vitimou o jovem...". Segundo, a responsabilização do operário: "... muitas vezes verifica-se que os operadores não possuem instrução suficiente e nem habilitação para realizar estes tipos de trabalho."

Esses trechos constituem um modo do que irei chamar de discurso do maldizer a relação entre capital e trabalho. Na grande mídia, ele aparece sob várias outras formas. Quando há notícias e reportagens abrangentes sobre temas como acidentes e doenças do trabalho, por exemplo, são comuns as estatísticas, as declarações de especialistas, os personagens, que geralmente irão cumprir o que a jornalista Elaine Tavares chama de ritual da humanização do texto. São personagens que aparecem em uma linha e desaparecem na seguinte.

Há, também, o que em Análise de Discurso denomina-se silenciamento ou política do silêncio: "As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras" (ORLANDI, 2001, p. 83). Assim, de tudo se pode falar, menos do que se deve silenciar: no caso da luta dos trabalhadores, o que está por trás das greves, dos acidentes e doenças do trabalho, das reformas trabalhista, previdenciária e sindical, da violência moral e sexual no trabalho, das privatizações. Isso, quando aparece, é

maldito. E cabe, ao jornalismo sindical, bendizer. Para construir essa possibilidade vamos nos deter em três elementos indissociáveis para pensar o jornalismo praticado nos sindicatos: 1 – o espaço; 2 – o tempo; 3 – o discurso.

Dizer na história

Os fatos estão todos aí, objetivos e independentes de nós. Mas cabe a nós fazer com que se tornem fatos históricos, mediante a identificação das relações que os definem, seja pela observação de suas relações de causa e efeito, isto é, sua história, seja pela constatação da ordem segundo a qual eles se organizam para formar um sistema, um novo sistema temporal, ou melhor, um novo momento do modo de produção antigo, um modo de produção novo, ou a transição entre os dois. Sem relações não há "fatos".

Milton Santos

Em Análise de Discurso há um conceito, o de condições de produção, que é importante para se refletir sobre o jornalismo praticado nos sindicatos. Ele pressupõe que a interpretação de qualquer discurso precisa levar em conta quem fala, para quem fala e o contexto histórico-social no qual se dá esse gesto de dizer. É essa relação do sujeito com a língua e com a história que possibilita que o discurso signifique de uma forma e não de outra. A manchete "Empresa X tem lucro recorde" gera um sentido de interpretação se estiver na capa de um jornal empresarial, e outro se circular no jornal do sindicato. No primeiro caso, pode se dirigir aos acionistas em período de inflação alta e sinalizar "saúde financeira". No segundo, direcionada aos trabalhadores, evidencia a possibilidade de melhores ganhos salariais se

houver disposição para a luta. O sentido depende de quem fala e para quem fala.

É aí que o jornalismo praticado em sindicatos precisa deixar claras as suas especificidades. E elas vão da pauta à forma de circulação do discurso. Ao dar corpo à notícia ou reportagem, o jornalista em sindicato, na apuração, terá que contornar as fontes "oficiais" (empresários, gestores públicos, técnicos, especialistas) e ouvir aquelas silenciadas nos meios hegemônicos, os trabalhadores. Só que eles precisam sair da condição de classe genérica e virar corpo, nome, história. Precisam ganhar espessura. Isso vale inclusive para a pauta que se concretizará em informação jornalística nos diferentes suportes (jornal, página na internet, rádio) mantidos pelo sindicato. Qualquer fato pode e deve ser pauta no jornalismo sindical. A diferença é que, ao contrário do que ocorre na mídia hegemônica, não se pode tratar os fatos como um amontoado de recortes da realidade sem qualquer relação. No jornalismo em sindicato, os fatos precisam ser pensados em sua relação uns com os outros e com a realidade como um todo, e a partir das necessidades dos trabalhadores.

Se o jornalista pauta uma reportagem sobre o aquecimento global, tem à sua frente mil possibilidades de construção do texto. Se diz: "O mundo está acabando", e empilha dezenas de estatísticas mundiais e declarações do Greenpeace e WWF, gera um sentido. Mas pode gerar outro se disser: "Fulano de tal havia quitado há dois meses a casa própria depois de 200 prestações que lhe custavam 60% do salário como pedreiro. Na tarde de ontem, a habitação desapareceu. Sobrou apenas um quadrado azulejado no que era o banheiro. Fulano não sabe explicar o que é o aquecimento global, mas perdeu tudo por causa de um dos efeitos dele ao ter a casa destruída

por um tornado, fenômeno jamais registrado na região onde mora".

Não desprezemos os números e estatísticas. Mas elas poucos significam fora da realidade, da concretude que lhes dá sentido. Diz a jornalista Elaine Tavares: "É isso que deve fazer o jornalismo, dizer o dizível e o indizível, ser capaz de ver o que está além dos olhos, narrar, descrever, contar a história. Repito: nenhum fato acontece do nada, tudo tem uma causa e uma consequência. E cada personagem tem uma história" (2004, p. 17).

Por isso é que, além de um projeto gráfico atraente, títulos provocativos, fotografias e infográficos ousados, é preciso também pensar na linguagem. O discurso tem que se colar à pele do quem o lê, ouve e vê, precisa provocar inquietação. Jornalismo é ossatura (projeto gráfico) e musculatura (projeto editorial), tudo coberto por pele, a linguagem. E o fluido que oxigena e dá vitalidade a essa estrutura é o discurso capaz de relacionar os fatos, de dar robustez aos eventos singulares pelo que neles há de particularidade e universalidade, tal como ensina Adelmo Genro Filho.

A relação se torna mais complexa quando entram em cena as possibilidades de interpretação a partir do contexto histórico-social do discurso. Esse nos parece um caminho ainda pouco trilhado no jornalismo em sindicato e tem a ver com a relação entre jornalismo e história. Tanto em uma área de estudo quanto na outra, essa relação suscita inquietações, tentativas de resposta e estudos de caso. Um viés da discussão concentra-se nas particularidades da chamada "história do presente", "história próxima" ou "história imediata".

Historiadores debatem as diferenças entre uma expressão e outra, mas as três, de modo geral,

designam o campo do "muito contemporâneo", depois do primeiro terço do século 20. Para os jornalistas preocupados com a dimensão de seu trabalho na relação com a história, o medievalista francês Jacques Le Goff tem uma afirmação alentadora. Para ele, o jornalista é "historiador do imediato" quando faz intervir, em seus textos, uma certa "espessura" histórica. E espera quatro atitudes desses "historiadores do imediato": ler o presente com profundidade histórica; ter espírito crítico; esforçar-se para explicar os fatos e tentar estabelecer, entre esses fatos, uma hierarquia.

Ao lidar com a linguagem no cotidiano de trabalho, o jornalista tem, portanto, um desafio adicional: dar, à linguagem, espessura histórica. Esse desafio é ainda mais estimulante num contexto de novas tecnologias de comunicação, com destaque para a internet, que tira dos jornalistas a hegemonia de produção de conteúdos. Com um blog – o diário pessoal na internet – qualquer internauta pode produzir textos sobre o cotidiano, narrar histórias sobre o lugar onde mora, expressar opiniões. Hoje há uma quantidade infinita de informação disponível, mas ela não é diretamente proporcional à capacidade de interpretação e ação sobre o mundo. E é justamente nessa vereda que o jornalista em sindicato pode atuar, porque interpretar e agir são gestos imprescindíveis no meio sindical. Como diz Altamiro Borges, mobilizar, conscientizar e organizar são os três desafios estratégicos do sindicalismo. Buscar interpretar o que circula no mundo é uma atribuição urgente que o jornalismo em geral está deixando de lado. Para isso há um imenso conhecimento acumulado nas instituições de ensino, sob a forma de livros em geral, dissertações e teses, que podem alimentar as notícias e reportagens dos jornais sindicais. Mas é importante destacar que a interpretação do mundo a partir

desse conhecimento acumulado não caminha no sentido das ciências humanas tradicionais, como a história, a geografia, a sociologia. Essas ciências produzem modelos universais para a compreensão do mundo. O jornalismo, por outro lado, enriquece-se nelas para compreender a realidade pelo ângulo do singular, ou seja, de como os fatos que ocorrem em diferentes contextos de tempo e de espaço se refletem na vida das pessoas.

A necessidade de ousadia interpretativa não prescinde de outra, a ousadia na produção do discurso. Ao contrário da mídia hegemônica, cuja linguagem é guiada pelos manuais de redação, a mídia sindical pode e deve quebrar regras. Guiar-se menos pela produtividade e mais pela criatividade. Em Análise do Discurso essa tensão entre o mesmo e o diferente no funcionamento da linguagem se concretiza nos processos parafrásticos e processos polissêmicos (ORLANDI, 2001, p. 36):

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

A polissemia, portanto, implode os sentidos. Faz nascer palavras que não existem. Porque o jornalista, diz Elaine Tavares, também é um inventor de palavras. E pode também, manejando as mesmas palavras, dar-lhes sentidos novos, porque enriquecidos pela perspectiva histórica.

Um dos mestres neste capinar de sentidos era o

jornalista gaúcho Marcos Faerman, cujas grandes reportagens estão reunidas no livro "Com as mãos sujas de sangue", disponível em sebos virtuais. Os textos de Faerman, escritos nos anos 1960 e 70, conservam a qualidade de atordoar pela beleza do escrito e pela contundência das denúncias. São histórias singulares, de trabalhadores que enfrentam a seca, a poluição, a violência. O modo de contar é que lança a singularidade ao mundo, porque Faerman convida tanta gente para o seu texto que, a cada leitura, aqueles homens e mulheres revivem indefinidamente. É como diz Claudio Willer, que prefacia o livro:

O verdadeiramente inquietante, para Faerman, não é o que ele está relatando, porém o restante, o não dito, o escamoteado e o indizível. Não estamos diante de um jornalista empenhado em garantir a boa consciência e a paz de espírito dos leitores, deixando-os repousar na crença de que estão sendo informados de alguma coisa; Faerman é o repórter do não-fato, da anti-reportagem, das dúvidas e vazios no texto. Este questionamento do alcance da reportagem faz com que o texto exerça ao mesmo tempo uma função meta-lingüística, de crítica do jornalismo, e, em termos mais gerais, de crítica e relativização das nossas categorias de conhecimento (p.15).

Faerman era um repórter incansável, que bebia em todas as áreas de conhecimento. O mais sedutor em seus textos, porém, é que neles não há panfletarismo nem tentativa de erudição. As leituras que ele fazia não eram explicitadas na escrita; elas engravidavam a sua forma de ver o mundo. Cada história contada vem então cortante, mas o leitor não sabe exatamente onde corta. Só sabe que sangra. Como

a reportagem sobre a seca no sertão da Bahia, matando de fome o sertanejo:

E João aponta para uma vaca grande, sem carnes, osso puro, osso e pele, presa a uma árvore por cinturões de couro. Os cinturões passam por baixo da vaca e sobem até a árvore – ela mal se movimenta nesta tarde seca, abafada, sem nuvens e cheia de moscas. A vaca, conta João, assim está há três meses. Noventa dias presa, imobilizada, impedida de fazer o que seu corpo quer: cair no chão, despençar. A vaca foi amarrada à árvore pelos homens que não querem que ela morra. Se ela cair, conta João, pode nunca mais levantar.

Se alguém quiser saber o que significa a seca na vida de um trabalhador sertanejo, irá se esquecer das estatísticas, mas se lembrará deste animal cuja morte é impedida apenas por um cinturão amarrado a uma árvore.

Dizer no espaço

Tanto quanto na história, a luta dos trabalhadores também está agarrada ao espaço, mas não um espaço qualquer. Referimo-nos aqui ao espaço geográfico, conceito que é estudado na geografia e que teve como um dos grandes formuladores o geógrafo Milton Santos. Uma primeira distinção básica a ser feita é que espaço geográfico não é a mesma coisa que paisagem. A paisagem, diferença o geógrafo em seus vários livros, é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homens e natureza. O espaço são essas formas, mas a vida que as anima. E o que tem isso a ver com o sindicalismo? Tudo!

As empresas escolhem a localização de suas unidades produtivas levando em conta os elementos de paisagem e espaço, tudo ditado pelas regras da rapidez e da fluidez, e o que está em volta adapta-se a essas regras. Uma grande empresa que se instala em São Paulo e outra, de mesmo porte, mas instalada num pequeno município onde as vantagens são comparativamente maiores, exercem influência diferente nas relações sociais que mantêm. Há uma série de municípios no país em que a atividade produtiva está alicerçada praticamente em uma mesma empresa, que contrata um número significativo de trabalhadores e cuja presença é decisiva no comércio, na cultura, na destinação do dinheiro público. Isso apresenta desafios diferentes para os sindicatos, exigindo pensares inovadores para organizar e mobilizar os trabalhadores. O mesmo vale para o jornalismo praticado nos sindicatos.

Imagine um sindicato que atua junto a uma categoria de trabalhadores no setor têxtil, em uma cidade de porte médio que concentra, nesta atividade produtiva, parte expressiva de sua população. Pode haver, na cidade, um forte discurso sobre o valor positivo do empreendedurismo, e um acelerado processo de terceirização. O setor irá manter relações com outras cadeias produtivas semelhantes no país para a compra de insumos, e será afetado pela lógica global no que se refere a preços e concorrência por mão-de-obra mais barata. Isso tudo precisa ser levado ao trabalhador pelo jornal do sindicato. Em sua obra, Milton Santos observa que os lugares são o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais e diversos:

Como sabemos, o mundo, como um conjunto de essências e de possibilidades, não existe para ele próprio, e apenas o

faz para os outros. É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografiado, isto é, empiricizado (2001, p.112)

Do mundo o trabalhador experimenta, no próprio corpo, o que se manifesta no lugar onde ele mora e trabalha. Por isso se mantém vital a teoria de Adelmo Genro Filho, especialmente se ligada a essa perspectiva geográfica. O jornalista, ao narrar recortes da realidade atinentes à categoria que o seu sindicato representa, deve fazer a ponte entre o singular e o universal, entre o lugar e o mundo. No exemplo citado acima, a costureira do setor têxtil que o sindicato representa assim irá compreender o movimento pelo qual o que acontece em países distantes ou em outras regiões do país afeta o seu salário e a sua rotina de trabalho. É no lugar que o mundo ganha corpo e história.

Milton Santos também foi jornalista e era entusiasta acerca das potencialidades da comunicação. Dizia ele que, sob a pressão das situações locais, a mídia deixaria de representar o senso comum imposto pelo pensamento único. Em vez disso, passaria a ser veraz, imaginosa e emocionada, abrindo caminhos para a tomada de consciência e para a construção de perspectivas de outro futuro. Vemos aí o caminho a ser trilhado pelo jornalismo praticado em sindicatos, sempre na perspectiva de bendizer o maldito.

Sugestões de leitura

BORGES, Altamiro. Sindicalismo, resistência e alternativas. São Paulo: Anita Garibaldi, 2008.

CHAUVEAU, A.; Ph. TÉTARD (org.) Questões para a história do presente. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 3^o ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 7^o ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TAVARES, Elaine. Jornalismo nas margens: uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas. Florianópolis: Cia. dos Loucos, 2004.

Sindprevs/SC: ousadia na Comunicação

Rosângela Bion de Assis

No emocionante texto do ex-Diretor Hélio Sérgio Silva, elaborado para a revista Sindprevs/SC 20 anos, aparece a narrativa da compra do primeiro computador do Sindicato, nos idos de 1988. "A maioria, inclusive eu, criou uma antipatia profunda e duradoura por aquela inutilidade que, ao meu ver, não tinha futuro melhor que escrever o informativo do Sindicato", contava Hélio. Ali encontrei a primeira prova da existência da preocupação em melhorar os resultados da comunicação do Sindicato.

Outras provas apareceram vindas diretamente do Arquivo do Sindprevs/SC (imagem 1), onde estavam cronologicamente organizados cartazes, boletins, panfletos e os primeiros jornais. Os primeiros exemplares ainda eram montados com tiras de texto datilografado (imagem 2). Eu mesma havia montado muitos informativos dessa forma para o Centro Acadêmico do Curso de Jornalismo. Enquanto isso, lá no Sindprevs/SC abusava-se da criatividade e da cola bastão para fazer chegar aos servidores, ainda sem direito à sindicalização, os primeiros informes das mobilizações da categoria na luta contra o arrocho salarial e pela jornada de 30 horas.

O Sindprevs/SC representa os Servidores Públicos Federais de Santa Catarina da Saúde, da Previdência Social e da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Cerca de 90% da categoria é sindicalizada. Fundado há 20 anos, o Sindicato é filiado à Fenasp (Federação dos Sindicatos de Trabalhadores em Saúde, Trabalho, Previdência e Assistência Social) e encaminha uma política de defesa dos direitos dos servidores, de luta pela manutenção da Previdência Social e da Saúde Pública e de qualidade para todos. Revendo a história da comunicação do Sindprevs/SC é possível comprovar que a entidade sempre defendeu uma imprensa sindical alicerçada na informação. Nos últimos dez anos esse consenso avançou para um entendimento de que os materiais do sindicato precisam trabalhar na perspectiva da disputa hegemônica, disponibilizando informação de qualidade em contraposição ao que é produzido pelos monopólios de comunicação.

Outro mundo é possível

É consenso na Direção do Sindprevs/SC de que não há isenção nas informações divulgadas pela entidade. Esse é um mito que a grande imprensa adora valorizar. Como se fosse neutra a informação que é patrocinada por empresários e banqueiros. Nos meios de comunicação produzidos pelo Sindprevs/SC é veiculada a versão que não sairá na televisão nem nos jornais vendidos nas bancas, nos quais, raramente, é aberto espaço para a versão dos trabalhadores e dos excluídos. O jornal do Sindprevs/SC trata as informações do ponto de vista de quem trabalha e luta por um mundo mais justo e solidário. Por isso, todo investimento nesse tipo de publicação é também um investimento na construção de um outro tipo de sociedade.

Sem dúvida contribuiu para a existência desse

posicionamento o fato de haver, desde 1992, pelo menos um jornalista contratado. Mas a existência do profissional, por si só, não seria suficiente se a maioria dos membros da Direção não defendesse o papel transformador da imprensa sindical na luta de classes. Essa defesa concretiza-se nos investimentos aplicados no Departamento de Comunicação do Sindprevs/SC, na participação e na organização de eventos que debatem essa temática e no apoio cultural às alternativas de expressão, como é o caso da Revista Pobres e Nojentas (imagem 3).

Esta publicação possui um projeto audacioso: realizar um jornalismo comprometido com os oprimidos, contando as histórias, lutas, dores e alegrias dos homens e mulheres que enfrentam com garra e solidariedade as agruras do sistema capitalista. O Sindprevs/SC é um dos apoiadores da revista desde a edição nº 9, de setembro/outubro de 2007. A iniciativa do Sindicato permite que, a cada edição, sejam distribuídos 100 exemplares, de forma gratuita, preferencialmente junto a públicos que têm dificuldade de pagar pela revista. O reconhecimento do papel da publicação, tanto no discurso quanto na prática, mostra que o Sindprevs/SC está na vanguarda para a construção da autêntica soberania comunicacional.

Mais fôlego para a informação

Em dezembro de 1992, três anos após a fundação do Sindicato, foi lançado o jornal *Previsão* (imagem 4). Com quatro páginas, formato tablóide, em papel jornal, a publicação tinha o objetivo de complementar as informações que eram divulgadas no Boletim Informativo, que tinha formato A4, frente e verso. Reportagens, entrevistas e matérias de “maior fôlego” espalhavam novos argumentos e dados de forma mais eficiente e atrativa para os servidores públicos da Saúde e da Previdência. A linguagem das publicações também passava longe do discurso panfletário.

Mas não foi possível viabilizar um jornal com pretensões tão ambiciosas paralelamente às demandas diárias do Departamento de Comunicação. Produzir jornalismo de qualidade requer tempo e não é tarefa nada simples consegui-lo no dia-a-dia sem rotina das entidades sindicais. A todo instante surgem pequenas emergências e demandas rápidas que interrompem uma tarefa maior e quebram o ritmo do trabalho. Por tudo isso, o jornal ficou suspenso por quase dois anos

Em 1995, os debates sobre o jornal *Previsão* voltaram à pauta da reunião de Diretoria. Não era possível manter o boletim periódico (imagem 5) - que incluía as lutas de outras categorias, análise de conjuntura, através do editorial, além das questões corporativas - e um jornal mensal. Mas poderia ser viável publicar um jornal mensal e produzir algum boletim eventual, para situações emergenciais. Isso foi feito a partir de 1995.

Sempre que surgia na Direção o debate sobre a implantação de uma nova ferramenta de divulgação era refeito o debate sobre a atuação do Departamento de Comunicação como um todo. Vários projetos estão arquivados no Sindicato descrevendo uma parte importante desses debates. Neles, o jornalista tinha o cuidado de listar o que já era produzido, antes de propor algo novo para tornar mais eficiente a produção do Sindprevs/SC.

Na década de 90, a dinâmica do Departamento de Comunicação ainda permitia que se pensasse em acréscimo de demandas de trabalho sem a necessidade de novas contratações. O computador acabava de entrar em nossas rotinas, mas a sua utilização ainda estava restrita à produção dos textos e à editoração dos materiais.

Também é preciso considerar que a própria prática sindical foi ampliada. No final dos anos 90, o Sindicato intensificou sua atuação nas questões ligadas

à Saúde do trabalhador, ao direito de ir e vir, ao combate a toda forma de discriminação e preconceito (imagem 6), entre outros temas. Em 1999, o Sindprevs/SC volta a filiar-se à Fenasps e intensifica sua atuação nos fóruns nacionais e unificados das três esferas. A toda ação sindical correspondeu uma reação do Departamento de Comunicação, que teve muito mais demandas a serem encaminhadas.

Uma imagem vale mais que...

Nas décadas de 80 e 90, um caderno com selos e charges do Laerte sobre quase todo o tipo de assunto salvou da aridez total as publicações das entidades sindicais. Elas foram exaustivamente usadas, tanto que muitas já não causavam qualquer tipo de impacto, mas conseguiram mostrar para o movimento sindical que os seus materiais não poderiam ser obras da construção civil. Era assim que costumávamos chamar as páginas em que só havia blocos de texto. Mesmo assim, ainda gerava muita polêmica convencer os dirigentes de que, por mais que uma mensagem fosse importante e interessante, uma diagramação seca poderia assustar o eleitor e afastá-lo para bem longe da tão importante mensagem. E ainda, que uma imagem poderia transmitir de forma divertida e atraente a parte mais importante dessa mensagem. Foi assim que o jornalista e ilustrador Frank Maia entrou na história da comunicação do Sindprevs/SC para não mais sair.

Em 1991, ele começou ilustrando os Boletins, em 1992 elaborou o projeto gráfico do jornal *Previsão*, em 1997 fez o projeto gráfico do *Previsão Mural* (imagem 7) e daí em diante não parou mais de assessorar o Departamento de Comunicação com suas artes (imagem 8), ilustrações, logotipos, selos, materiais para os congressos, e tudo mais que exigisse um cuidado especial com o visual.

Nem todas as entidades sindicais tinham, nos idos de 90, a consciência do papel daqueles “desenhinhos” que tornavam tão mais atrativos os materiais da Comunicação. Ainda hoje, muitas custam a se convencer de que é preciso pagar para reformular o projeto gráfico e editorial do jornal da entidade, que não é função do jornalista elaborar uma arte para um adesivo, mesmo que nele só constem palavras. Aliás, essa é outra questão que sempre suscita debates. De um lado, a Direção querendo colocar mais informação, do outro, o jornalista argumentando que não há espaço suficiente para tanto e que, mesmo que tivesse, tornaria a editoração agressiva aos olhos. E ainda, que não é possível dar o mesmo destaque para todos os pontos de um panfleto. Enfim, essa polêmica renderia um outro texto.

Nas entrelinhas da Reforma

Em 1995, o Sindprevs/SC encaminhou uma importante campanha dentro do jornal *Diário Catarinense*. O Sindicato possuía dados privilegiados em relação à defesa do sistema de Previdência Social Pública que estava em parte ameaçado pela proposta de Reforma encaminhada por Fernando Henrique Cardoso, mas não conseguia espaço na imprensa para expor essas informações. Então, surgiu na Direção do Sindicato a idéia de comprar um espaço no jornal, que tinha a distribuição mais abrangente, para divulgar para a população esses argumentos.

A coluna “Entrelinhas” (imagem 9) começou a circular semanalmente em junho de 1995 com um projeto gráfico que confundia-se com o do jornal. A idéia era que a coluna não destoasse na página, que as pessoas não interrompessem a leitura por ser um material de um Sindicato. Os títulos, texto e imagens também eram tratados de forma jornalística, inclusive com um selo que acompanhava o padrão do jornal.

O pessoal do jornal chegou a reclamar da proposta gráfica, mas nada oficial. No ano seguinte os custos com a compra do espaço subiram tanto que a publicação da coluna passou a ser quinzenal. Em maio de 1996, a coluna deixou de circular devido ao seu alto preço. Durante a sua existência, a coluna veiculou matérias sobre a greve dos servidores, Ato Unificado dos Servidores Públicos, a posição dos parlamentares catarinenses nas votações da Reforma da Previdência, mas o grande tema em pauta eram os argumentos contrários à reforma de FHC. Não foi possível avaliar os resultados desse trabalho, mas é incontestável que muitos dados, gráficos e estudos só se tornaram acessíveis para a população porque aquele investimento foi feito pelo Sindprevs/SC.

Novas demandas, mais demandas

O avanço do projeto de estado mínimo é diretamente proporcional ao crescimento das demandas de comunicação nos Sindicatos. Em 1997, o Sindprevs/SC passou a distribuir o Previsão Mural, um cartaz que levava para os locais de trabalho a agenda de eventos e pequenas notas. Em 1999, foi lançado o Jurisprev (imagem 10), um jornal tablóide especializado na divulgação dos informes do Departamento Jurídico, que apresentava nas páginas centrais uma tabela gigante com a tramitação de todos os processos que o Sindicato possuía na Justiça. Ainda em 1999, circulou por seis meses um Boletim específico (imagem 11) para os Diretores de Base que, no caso do Sindprevs/SC, são quase 200, espalhados por todo Estado com um importante papel de organização da categoria nas agências da Previdência Social e nos postos do Ministério da Saúde, principalmente.

Não é preciso comentar que o ritmo de trabalho ia ficando cada vez mais apertado para a jornalista contratada. Quando a categoria entrava em greve – foram 21 greves entre 1982 e 2005 – era necessário contratar um profissional free lance para auxiliar.

Durante as paralisações – as greves dificilmente duravam menos que 30 dias – eram produzidos boletins (imagem 12) praticamente diários, que inicialmente eram enviados por fax para os locais de trabalho, além dos releases para a imprensa. Isso só para citar algumas das grandes demandas de trabalho que surgiam durante as greves.

Mais produção e tensão

As novas tecnologias colocaram os jornalistas diante de novos desafios e novas fontes de tensão. Profissionais que chegaram a conhecer o mundo antes do computador lembram bem de um outro ritmo de trabalho. Sem saudosismo – só para entender porque andamos tão cansados, estressados e ansiosos – havia um prazo para o trabalho ser feito. Mas também havia um intervalo de tempo que era preciso aguardar para que outros fizessem a sua parte. Hoje, quase toda produção está tão concentrada na mão do jornalista que é preciso muito mais organização, controle das prioridades e compreensão por parte das Direções Sindicais.

Até a chegada dos computadores e da Internet, o fechamento de um jornal era um processo bem mais lento. Nos idos de 1988, o jornalista ia de ônibus levar o jornal para o local em que seria impresso. O grande envelope pardo continha os diagramas, as laudas de texto, as fotos ampliadas e alguma ilustração montada com retícula. Os profissionais do local que realizaria a impressão concretizavam o projeto gráfico e, quase sempre no fim da tarde do outro dia, apresentavam o jornal montado para ser feita a revisão final. A revisão era riscada sobre a arte final que era então refeita para a impressão da publicação. Atualmente, um jornalista faz todo esse processo. Dependendo da urgência, textos, edição, editoração, revisão e envio para a gráfica podem ocorrer no mesmo dia.

Como tudo está ali no computador, é muito comum que ocorram alterações até o último instante antes de o material ser enviado para a gráfica. Na década de 80 era tão demorado refazer todo o processo que simplesmente não se considerava a possibilidade de mudanças após a finalização dos textos. Hoje, isso ocorre frequentemente, por isso temos muito mais re-trabalho e re-editoração.

Com o advento da máquina fotográfica digital ganhamos em agilidade e também em aumento de trabalho. Como nenhuma foto será ampliada, a quantidade de imagens produzidas aumentou muito e quando terminamos de produzir as fotos elas precisam ser descarregadas no computador, organizadas e preparadas para a utilização. Algumas serão retocadas e recortadas para as publicações impressas, a maioria será reduzida para o álbum do site e algumas serão encaminhadas por e-mail. Não basta mais deixá-las numa loja para ampliação e selecionar no copião as que serão aproveitadas para o jornal.

Dois jornalistas desde 2005

Em 2004, o Departamento de Comunicação levou para o debate na Diretoria Executiva Colegiada do Sindprevs/SC a proposta de ampliar o número de páginas do jornal de oito para doze, para que houvesse espaço para a inclusão de uma enquete com a categoria, de pequenas reportagens, de artigos assinados e para ampliar a abrangência da pauta para assuntos não corporativos. O aumento do número de páginas era apenas uma das consequências dos debates sobre o papel da imprensa sindical no acesso à informação de qualidade. Uma parte dessa discussão foi realizada, em 2002, durante o 1º Seminário de Imprensa Sindical promovido e organizado pelo Sindprevs/SC na data em que o jornal Previsão completava 10 anos de existência (imagem 13). O seminário reuniu em Florianópolis jornalistas de diversas entidades sindicais.

A proposta de ampliação do jornal e as mudanças no caráter da pauta da publicação foram aprovadas em julho de 2004, com o adendo de que seria necessária a contratação de uma jornalista free-lance para auxiliar na elaboração das matérias do jornal. Em pouco mais de um ano, foi verificado que não seria possível dar andamento ao projeto, honrando sua periodicidade, contando com profissionais temporários. Nessas discussões com a Direção, o posicionamento da jornalista era considerado e valorizado dentro da visão política da entidade. Então, para que o projeto do jornal fosse mantido e outros avanços pudessem ser realizados, a segunda jornalista foi contratada em novembro de 2005.

Uma linguagem comprometida com quem faz a história

Nas publicações do Sindprevs/SC a edição de títulos e imagens e os textos seguem critérios jornalísticos, priorizando o ponto de vista de quem faz as lutas. Assim nunca entrarão no jornal Previsão as orientações da administração do INSS sobre como os servidores devem agir durante uma paralisação. Mas será divulgado o quadro mais preciso possível das agências que aderiram ao movimento, das medidas que a Assessoria Jurídica do Sindicato está encaminhando para que não ocorram punições, das negociações realizadas no dia da paralisação, do exemplo de disposição dado por uma servidora de 89 anos que participou da manifestação. Defendemos uma imprensa sindical baseada na informação orientada por um comportamento ético rigoroso, que se coloque como alternativa especialmente por sua seriedade e credibilidade. Essa prática requer todo o cuidado possível nos dados utilizados e na publicação de “erratas” quando acontecem equívocos. Uma amostragem do resultado dessa postura pode ser verificada no resultado da pesquisa que apontou 82% de confiança nas informações divulgadas pelo Sindicato (veja outros detalhes mais à frente).

Em relação à edição das imagens é priorizado sempre o rosto do servidor. É ele o grande protagonista dos movimentos, por isso suas expressões de dor, alegria, inquietação e indignação estão estampadas nas fotos. A coluna Opinião do jornal Previsão utiliza pequenos "bonecos" daqueles que expõe seus pontos de vista para o restante da categoria. Estar nas publicações ou no site do Sindicato é algo que valoriza os trabalhadores.

Demandas e rotinas

Atualmente, as duas grandes e principais demandas do Departamento de Comunicação do Sindprevs/SC são o jornal Previsão, praticamente mensal, e o site (imagem 14), atualizado diariamente. Também são produzidos o Boletim do Sindprevs/SC, Previsão Mural (cartaz), cadernos especiais - cadernos de Tese, caderno de deliberações dos Congressos, publicações especiais - como a revista Sindprevs/SC 20 anos (imagem 15), informativo on line (dirigido aos Diretores de Base e Diretoria Executiva Colegiada), panfletos, cartazes, montagem de banners e faixas. Ainda são tarefas do Departamento de Comunicação acompanhar a reunião da Diretoria Executiva Colegiada e a reunião semanal do Secretariado, realizar o contato com a imprensa, envio de releases, elaborar os materiais de divulgação dos eventos promovidos pelo Sindicato (folder, cartaz, crachá, certificados e camisetas), auxiliar e acompanhar a elaboração de roteiros de vídeo, acompanhado por assessoria especializada ou não, e instruir os Diretores de Base sobre como deve ser feito o contato com a imprensa. Isso sem citar as demandas específicas geradas pelas greves e paralisações da categoria.

A rotina da semana é praticamente determinada pela reunião do Secretariado da Direção que acontece toda segunda-feira, pela manhã. Após essa reunião os jornalistas definem como será a dinâmica daquela

semana. Elas propõem a pauta das publicações e determinam a edição dos textos e das imagens. Tudo que é elaborado passa pela aprovação da Diretoria do Sindicato que realiza alguma correção de dados, ou até refaz alguma opinião com caráter mais político. Não existem Diretores especialmente dedicados a essa tarefa. Ela pode ser feita pelos Diretores que estiverem no Sindicato no momento em que o material fica pronto.

Os 20 anos do Sindicato

No ano em que a entidade comemorou 20 anos de existência, o Departamento de Comunicação do Sindprevs/SC fez o projeto gráfico e editorial do jornal Previsão (imagens 16 e 17), reformulou totalmente o site do Sindicato e promoveu o II Seminário de Comunicação Sindical. Também em 2008, na data da comemoração do aniversário da entidade foi lançado um vídeo e a revista Sindprevs 20 anos, ambos com um resgate da história de lutas da entidade desde a sua fundação. Todas essas realizações na data comemorativa da entidade reafirmam a avaliação da Direção de que as iniciativas na área de comunicação dentro do Sindicato são de grande importância.

Outro exemplo que reforça essa afirmação foi a lembrança distribuída aos cerca de 350 participantes do 6º Congresso Estadual do Sindprevs/SC, realizado em junho de 2008. Delegados eleitos, palestrantes e convidados receberam uma sacolinha contendo um livro de poesias, impresso com o apoio do Sindprevs/SC, uma revista Fórum e um exemplar do jornal Brasil de Fato. Junto com as publicações seguiam sugestões de sites interessantes e uma explicação sobre os motivos da recordação: a Direção do Sindprevs mostra, mais uma vez, o quanto valoriza as formas alternativas de comunicação, que estão ao lado da classe trabalhadora e divulgam informação de qualidade, que alimenta a alma e prepara os servidores para as lutas.

Todas as iniciativas realizadas ao longo de 2008 apontaram a necessidade de o Sindicato realizar uma pesquisa para avaliar o nível de leitura, as preferências e as expectativas dos leitores. Pensando em agilizar os resultados e praticamente evitar qualquer gasto, o Departamento de Comunicação

e a bibliotecária documentarista do Sindprevs/SC elaboraram, distribuíram e contabilizaram a pesquisa com o objetivo de avaliar as publicações e o site do Sindicato e recolher sugestões da categoria. A maior parte dos questionamentos foi dirigida ao jornal Previsão, que tem 16 anos de existência e

Novo projeto resgatou a organização e aboliu os excessos

Frank Maia Bretas

Projetos gráfico, como todas as coisas que envolvem o design, acabam uma hora ou outra 'datando'. Ou seja, a fonte de letra, a colunagem e os fios, por exemplo, que representavam o novo de uma época, acabam denunciando a idade da composição num outro momento.

No caso do Jornal PREVISÃO, o projeto estava completando mais de uma década e apresentava uma fadiga natural própria de projetos com mais de uma década. O uso da arte por esse longo tempo causou um esmaecimento do impacto gráfico pretendido quando da sua criação. O logotipo bem contrastado, em caixa alta e negrito, somado às cores chapando páginas inteiras que foram adotados num momento posterior, viraram marca da personalidade do antigo PREVISÃO. O resultado disso, com o passar do tempo, foi que quando tudo tende a ser destaque, nada é fica em destaque. É como uma reunião onde todos gritam ao mesmo tempo.

As soluções do dia-a-dia que as editoras encontravam foram transformando o projeto e se incorporando nele até chegar a um ponto em que não se tinha mais uma padronização de colunas, nem mesmo de tamanho das letras. Cada edição era uma combinação diferente de acordo com o assunto, variando com a necessidade de mais ou menos texto, tamanho de

foto, ilustrações, gráficos etc. O que à primeira vista parecia um facilitador, ao final virava motivo de estresse para as profissionais, que partiam praticamente do zero a cada edição do jornal. Os leitores também sentiam a falta de continuidade com as mudanças constantes de tamanho e localização das matérias, do tratamento gráfico dado e até mesmo do corpo das fontes de letras.

Identificados os principais problemas, partiu-se para um projeto mais branco, com fontes mais limpas, dando organização e padrão às edições. Aboliu-se o excesso de cor deixando-as para os detalhes e para os destaques. Procurou-se fontes mais elegantes e que passassem a idéia, tão cara às publicações jornalísticas, de credibilidade. A *Kepler STD* e suas variações foram adotadas como fonte oficial do PREVISÃO a partir de abril de 2008.

Uma outra novidade também surgiu a partir da reformulação do projeto gráfico e editorial: a adoção de uma mascote. A abelhinha Sindy, surgida durante a criação do congresso da entidade, como símbolo de união, trabalho, organização e realização, dialoga com o leitor e manda recados importantes e informes da instituição para a base de trabalhadores, aposentados e pensionistas do Sindprevs-SC. Ela passeia pelas páginas do novo projeto (imagem 18) sendo a voz do sindicato.

teve o seu projeto gráfico e editorial reformulado em 2008.

Alguns resultados da pesquisa

A distribuição dos questionários foi realizada em três etapas durante 2008: durante a Plenária Sindical de Base, em março, durante o 6º Congresso Estadual do Sindprevs/SC, em junho, e durante a assembléia estadual geral do Sindprevs/SC realizada em agosto. Na primeira etapa, os Diretores de Base e Representantes dos Aposentados levaram questionários para todo o estado, ampliando ao máximo a abrangência das opiniões. Ao todo foram distribuídos 1.200 questionários. O retorno ficou dentro do pretendido: 10,8% dos sindicalizados, que são quase seis mil. Mas, em relação aos efetivamente respondidos, houve uma redução e o percentual caiu para 8% do total dos filiados.

Quando 82% dos leitores respondem que confiam nas informações divulgadas e lêem as publicações do Sindicato, a primeira conclusão que se tem é que o Sindprevs/SC está indo no rumo certo quando o assunto é comunicação. A pesquisa também apontou que 91% dos pesquisados avalia o Jornal Previsão como bom ou ótimo. Ele é o meio de comunicação preferido por 40,3% dos servidores que participaram da pesquisa.

Pela pesquisa foi possível auferir com mais detalhes o perfil do leitor das publicações e usuário do site: 88% têm mais que 41 anos de idade, 76% trabalha no serviço público há mais de 15 anos ou é aposentado e 60% só lê outros jornais, de vez em quando. As respostas apontaram que a coluna do Jurídico é a preferida de 28,7% dos pesquisados. Seu conteúdo é considerado ótimo por 42,5% e seu tamanho foi considerado pequeno por

33,8% dos servidores que responderam ao questionário. A segunda coluna mais lida é a da Geap (Plano de Saúde) e em terceiro lugar aparece a coluna Opinião, que apresenta algumas respostas da categoria sobre uma tema, com fotos dos que responderam a enquête. As colunas do Jurídico e da Geap foram avaliadas como ótimas pela maioria dos pesquisados. Eles também apontaram que elas são pequenas, ou seja, o povo quer mais informações sobre esses temas. Os artigos assinados também foram apontados como ótimos por 54,5% dos pesquisados, mas 15% consideram os textos muito grandes.

Site e temas preferidos

O site do Sindicato foi avaliado como bom ou ótimo por 63% dos pesquisados. Ele ficou em segundo lugar na lista dos meios de comunicação preferidos, só perdendo para o jornal, e com a preferência de 27% dos entrevistados. A pesquisa ainda apontou que 12,3% acessa o site todo dia e 31,7 uma vez na semana.

Na pergunta: qual tema você gostaria de ver mais vezes no Jornal? O primeiro lugar, com 31% das respostas, ficou para o assunto Saúde do Trabalhador; com 11,5% aparecem as Negociações Salariais; com 11,4% os Resultados da Assembléia e das plenárias. Quase 25% dos pesquisados não respondeu que nunca lê no Jornal Previsão, demonstrando que uma parcela grande dos pesquisados se interessa por todo o conteúdo. O tema apontado pela pesquisa como de menor índice de leitura foi o Complexo Ademir Rosa (sede praiana) e 17,6% dos pesquisados respondeu que desejaria mais periodicidade do jornal.

Sabemos que a elaboração e a distribuição da pesquisa não seguiram critérios estatísticos, mas

seus resultados foram considerados somente como indicações de possíveis padrões de leitura da categoria. Em relação à distribuição, é muito provável que a maior parte dos questionários tenha sido respondida por servidores que participam das atividades do Sindicato. Esse fato limita o resultado, mas indica a preferência daqueles que são formadores de opinião no local de trabalho, pois os servidores mais atuantes sempre são uma referência para os demais. Não será realizada nenhuma grande mudança nos projetos gráfico e editorial das publicações atualmente elaboradas pelo Sindprevs/SC devido aos resultados sistematizados. As temáticas apontadas como preferidas servirão de sugestões de pauta para o jornal e o site.

Um arquivo para se usar

Todos os documentos e publicações produzidos pelo Sindprevs/SC, incluindo fotos, vídeos e até camisetas estão guardados de forma adequada e totalmente organizada. Esse trabalho foi e continua sendo feito por uma bibliotecária documentarista que organiza e arquiva todas as publicações impressas, além dos demais documentos do Sindicato.

Esse cuidado com a história da entidade e com a produção atual permitiu a produção de importantes materiais que exigem pesquisa, como foi o caso da revista Sindprevs/SC 20 anos. O arquivo de imagens também possibilitou a organização da exposição sobre a história dos Congressos do Sindprevs/SC, durante o 6º Congresso Estadual, realizado em junho de 2008. Nessa exposição os participantes do evento puderam rever fotos e materiais de divulgação dos Congressos anteriores, como crachás, cartazes, cadernos de teses e muitos outros.

Pressupostos da Comunicação do Sindprevs/SC

- A comunicação de qualidade é uma arma poderosa para preparar os servidores para as lutas necessárias para a construção de uma sociedade mais justa e mais solidária, baseada na diversidade étnica-racial e na equidade entre mulheres e homens.
- Cobertura pautada pela ética, preocupada com a informação bem apurada e responsável.
- Utilização de uma linguagem que possa ser totalmente compreendida por todos os trabalhadores, com textos cativantes, identificados com aqueles que participam das mobilizações e das lutas diárias.
- Divulgar o ponto de vista de quem trabalha e também dos excluídos do sistema, sem a pretensão da neutralidade tão alardeada pelos monopólios da comunicação
- Contrapor o "personalismo" (culto à personalidade) pela valorização do trabalho de grupo, pela conquista coletiva, até para reforçar a questão da força da união.

Sugestões de leitura

GIANNOTTI, Vito. Muralhas da Linguagem. Mauad Editora, 2004.

CASSEL, Gastão. A Imprensa no Sindicato Cidadão, uma contribuição aos debates, 1992. (texto de circulação restrita ao Sinergia)



imagem 1 - Arquivo do Sindprevs/SC



imagem 2 - Boletim do Sindprevs/SC, de 1991

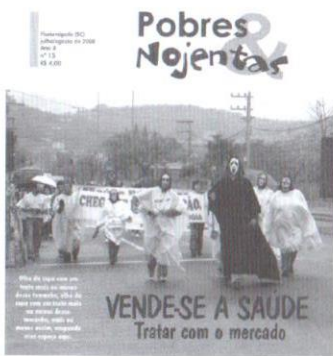


imagem 3 - Revista Pobres & Nojentas nº 15, setembro/outubro de 2008



imagem 4 - jornal Previsão, de 1993



imagem 5 - Boletim do Sindprevs/SC, de 2008



imagem 6 - Caderno com deliberações e resumo das palestras do III Seminário de Gênero e Raça, de 2002

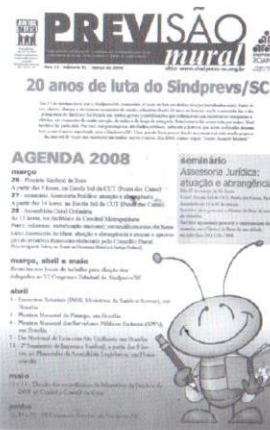


imagem 7 - Previsão Mural, de 2008



imagem 9 - Coluna Entrelinhas, de 1995



imagem 8 - Arte 4º Congresso Estadual, de 2002



imagem 10 - Jurisprev de 2005



imagem 11 - Informe DB, de 2005



imagem 12 - Boletim de Greve, de 2005



imagem 13 - Selo comemorativo, de 2002



imagem 14 - Site do Sindprevs/SC, em 2008

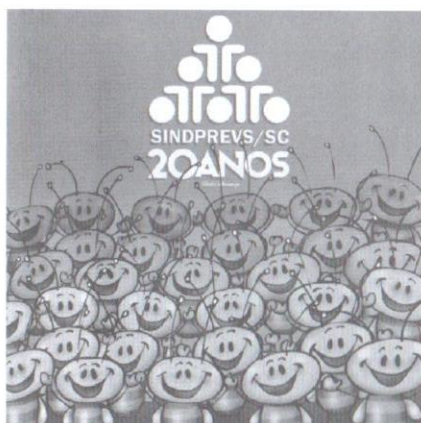


imagem 15 - Revista Sindprevs/SC 20 anos, de 2008



imagem 16 - Jornal Previsão, de 2002



imagem 17 - Jornal Previsão, de 2008



imagem 18 - Sindy

Currículos

Elaine Tavares

é jornalista, educadora popular e atua como pesquisadora no Instituto de Estudos Latino-Americanos da UFSC. É autora do livro "Jornalismo nas Margens - uma reflexão sobre comunicação em comunidades de periferia", Companhia dos Loucos.

Míriam Santini de Abreu

é jornalista, atua em um sindicato de trabalhadores no Judiciário Federal e é autora do livro "Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável", Editora da UFSC.

Rosângela Bion de Assis

é jornalista, poeta, trabalha no Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal do Estado de Santa Catarina) e é autora do livro "Transparente demais", pela Editora Letra.

Frank Maia

é jornalista, chargista do jornal A Notícia e ilustrador.




A Companhia dos Loucos já editou os seguintes livros:

- Seres do Bem – retratos de viandantes, do jornalista Ricardo Casarini Muzy
- Uma Cidade na Memória, do jornalista James Dadam
- Jornalismo nas Margens – uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas, da jornalista Elaine Tavares

Contato: revistapobresenojentas@gmail.com

Pobres & Nojentas

Florianópolis (SC), julho/agosto de 2008 - Ano 3 - Nº 15 - R\$ 4,00



Benedeira de palavras

Neicicagem, o embaixador do lixo

Pobres & Nojentas

Florianópolis (SC), julho/agosto de 2008 - Ano 3 - Nº 15 - R\$ 4,00



Resistência na

Economia solidária entre desafios de mudança social

Depressão é mais frequente nas mulheres


Pobres & Nojentas

Florianópolis (SC), maio de 2008 - Ano 3 - Nº 14

Vida plena no mundo

Luta sindical adquire sentido na experiência de Jussara Godoi

Página 4



100% latino-americano

Imagens de dentes e olhares no Fórum Social Mundial na Venezuela

Pobres & Nojentas

Florianópolis (SC), julho/agosto de 2008 - Ano 3 - Nº 15 - R\$ 4,00

Histórias de um




A experiência das "Mulheres de Caju" que lutam contra o tráfico de drogas no mundo

Página 14

Pobres & Nojentas

Florianópolis (SC), julho/agosto de 2008 - Ano 3 - Nº 15 - R\$ 4,00



VENDE-SE A SAÚDE

Tratar com o mercado

Pobres & Nojentas

Florianópolis (SC), maio de 2008 - Ano 3 - Nº 14 - R\$ 4,00



Pobres & Nojentas


Florianópolis (SC), julho de 2008

Vivências de guerreiros em busca da terra boa

Na Tekové Mareá, a gente Guarani em sintonia com o todo

Uma educadora que veio do povo

Bruna constrói um futuro melhor para crianças de Brusque



Pobres & Nojentas

Florianópolis (SC), julho de 2008

“Yo soy Kihili”

Mulheres, bondades e suas cemeritas ancestrais

Na página 4



Pobres & Nojentas

Florianópolis (SC), maio de 2008 - Ano 3 - Nº 14 - R\$ 4,00

A arte de fazer a vida para a todos

Carne de cão à venda

Mãe tenta pagar a vida plena do filho de São Paulo

A dor da indiferença no mundo do trabalho

